

AECs do Porto: ensino de garagem, precariedade oleosa



Nos dias 24 e 25 de Setembro, um conjunto de professores foi chamado a reunir numa garagem, situada na região do Porto. O objectivo era a organização de horários escolares. A convocação foi realizada pela EduTec, uma empresa de serviços educativos contratada pela câmara municipal do porto para assegurar as actividades de enriquecimento curricular (AEC) de várias escolas.

Embora lhes tenha sido prometido um contrato de trabalho, os cerca de 129 docentes (de inglês e música) viram-se obrigados a tornar-se empresários independentes, «falsos recibos verdes», precários. Não auferem assim de quaisquer subsídios sociais, nem de direito ao subsídio de desemprego e ao regime de segurança social dos trabalhadores por conta de outrem. A qualquer momento podem ser despedidos, sem que seja necessário qualquer pré-aviso ou paga qualquer indemnização. Em suma, têm direito a absolutamente nada. No entanto, não deixaram de ser professores, tendo que cumprir horários e programas, integrados numa cadeia hierárquica escolar.

Após terem denunciado a sua situação, a Edu Tec deixou de pagar os salários a alguns dos docentes. Um facto que não parece escandalizar as autoridades camarárias. Nas suas próprias palavras, “A forma de recrutamento dos docentes é da inteira responsabilidade desta empresa, tendo sido prestados todos os esclarecimentos adicionais e inerentes a esta prestação de serviços, em reuniões gerais com os respectivos docentes, promovidas pela Edutec”.

Em Lisboa, o Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SGPL) convocou entretanto um plenário de professores para o dia 25 de Janeiro, para debater a situação laboral dos professores das AEC e acções reivindicativas.

O acordo firmado entre sindicatos e professores está longe de resolver os problemas das escolas e de quem nelas trabalha. Exemplos como este denunciam uma profunda segmentação da condição docente, constatando-se, a par dos professores integrados nos quadros, a proliferação de contratados (condenados a viver na possibilidade de ter de mudar de escola ou de vir a perder o emprego), de subcontratados por empresas como a EduTec (pagas a peso de ouro), e de desempregados. Um processo que nada tem de espontâneo, parecendo obedecer a uma estratégia de desorganização dos estabelecimentos escolares. Para que posteriormente se possa avançar com a única medida possível: a privatização da sua gestão.

Outros editoriais deste mês:

A doença enquanto negócio
A Solidariedade vence a Opressão
Entrevista ao indymedia-pt
Não à pena de morte para Mumia Abu-Jamal!
El Salvador - capitalismo escreve-se a sangue
Governo grego anuncia: “Haverá sangue”

Gaza: um ano depois



Em 27 de dezembro de 2008, Israel iniciou um dos mais sangrentos ataques a Gaza desde 1948, utilizando bombas proibidas pela Convenção de Genebra, com urânio empobrecido ou com fósforo branco.

Após as três semanas que durou o massacre, o saldo era de 1440 palestinianos mortos, a maioria civis, 5300 feridos (incluindo 1855 crianças e 795 mulheres), 21 mil casas destruídas ou gravemente danificadas, cerca de 50000 desalojados, Gaza reduzida a escombros e todas as infra-estruturas arruinadas.

Um ano depois, o cerco a Gaza continua. Materiais de construção são impedidos de entrar, pelo que a população continua a viver em ruínas, sem água, sem luz, sem gás, sem medicamentos, sobrevivendo graças aos túneis escavados até para lá do cerco e que agora o Egipto está a tentar impedir com a construção de um muro de aço. A população de Gaza foi ainda vítima, quer dos meios de comunicação ocidentais que legitimaram a “Operação Chumbo Fundido”, quer da hipocrisia internacional, que colabora com o cerco, como é salientado nos protestos em Portugal, nomeadamente numa vigília realizada por várias dezenas de pessoas junto à embaixada de Israel, onde se lembrou as cerca de 300 crianças mortas e o sofrimento absurdo das sobreviventes.

Centenas de outras concentrações, em todo o mundo, têm vindo a apelar ao boicote a Israel, até que o cerco seja levantado. No Egipto, 1400 activistas dos direitos humanos vindos de mais de 40 países, para a “Gaza Freedom March”, tentaram em vão forçar a entrada no território, tendo um grupo de vinte e seis desses activistas iniciado uma greve da fome, até que autorização seja concedida.

Cercado, o povo de Gaza encontra-se, também, refém das lutas internas pelo poder.

Haiti: para além do sensacionalismo caritário

A 12 de Janeiro, o Haiti foi devastado por um tremor de terra com 7,0 de magnitude, o maior a atingir a ilha em mais de duzentos anos. Fala-se de cerca de 200.000 mortos. É certo que a catástrofe tem uma causanatural, o deslocamento das placas tectónicas. Mas o alcance da destruição só foi possível graças à total ausência de infra-estruturas públicas, ao estado de degradação da maioria das casas, ao desemprego que atinge mais de 60% dos trabalhadores e aos salários miseráveis (menos de 2 euros por dia). Isto no mesmo Haiti que, todas as semanas, entrega mais de 1 milhão de dólares às instituições financeiras internacionais, pela sua alegada dívida externa.



tado dominar desde que, em 1804, se tornou na primeira república negra independente do mundo, como consequência da revolução de escravos liderada por Toussaint Louverture e da posterior derrota do exército francês enviado por Napoleão. Uma presença militar tão ostensiva e desmesurada, em claro contraste com a invisibilidade da ajuda oficial, leva a crer que há intenções que vão além da ajuda simples e sincera.

A ausência de hospitais, o facto de as habitações (para não falar das barracas) não estarem preparadas para sismos, a falta de transportes e todas essas condições que potenciaram o desastre, não são nada naturais. São o resultado de políticas deliberadas que, através do FMI, foram impostas ao Haiti, obrigando-o a destruir o sector público, a pagar uma dívida ilegítima e crescente e a implantar os “ajustamentos estruturais” de que o Fundo tanto gosta e que orientam as economias para as necessidades do “mercado global” em detrimento das das pessoas reais. São, enfim, o corolário lógico desse fado a que a ilha tem sido obrigada, a de ser o balde do lixo do mundo, exportadora de escravos, explorada sucessivamente pela França e pelos Estados Unidos, ambos apoiantes das suas múltiplas ditaduras. Neste contexto, as lágrimas internacionais só aparecem por causa do primetime e o que interessa realmente é lucrar, impor “reformas” políticas e económicas, fazer experiências e ocupar.

Aliás, sentimentalismos parolos à parte, os EUA já informaram que contam enviar 10.000 marines. Entretanto, os pára-quedistas estadunidenses ocuparam o aeroporto e o seu exército controla todos os pontos estratégicos da ilha. Um porta-aviões nuclear está no porto destruído e um navio “guarda-costas” está em frente a Port au Prince. O Haiti está hermeticamente fechado e sob ocupação militar, a quarta em 95 anos, das mesmas forças que o têm ten-

A França, a outra potência tradicionalmente imperialista na zona, reagiu poucas horas depois da catástrofe pela boca de Kouchner, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dizendo que era necessário manter a ordem, acabar com os saques e garantir as propriedades, esquecendo a lentidão na distribuição da ajuda que foi chegando e que, como sempre tem sucedido, nomeadamente em caso de furacões, sacia primeiro os que estão mais perto do poder. A ajuda tende a ficar pelo caminho, também neste Haiti em que 1% da população arrecada metade do produto nacional. Não era, no entanto, deste saque que falava Kouchner.

Falava dos mesmos saques e dos mesmos “ataques à propriedade” que, nas televisões, concorrem com as imagens de destruição, a ver quem melhor alimenta a máquina do espectáculo. Felizmente, há gente que informa que os assaltos e os confrontos são marginais e que o que é comum é a gente haitiana arranjar meios criativos e cheios de civismo para ultrapassar a situação, como sempre fizeram no seguimento de embargos e outras catástrofes.

O Haiti precisa de ajuda. Há campanhas de solidariedade suficientes para que possas colocar o teu contributo em alguém minimamente fiável. Mas que isso não nos deixe esquecer que todos os dias são dias para ajudar, o povo haitiano e todos os outros, contribuindo para o fim do ciclo da exploração. E, acima de tudo, acreditar no poder do apoio-mútuo, entreaajuda e auto-organização dos povos, longe de exércitos ocupantes, esses sim causadores do caos.

Repressão e protestos na prisão do Linhó



Nos últimos dias, cerca de 400 reclusos do estabelecimento prisional do Linhó (Sintra) iniciaram uma greve de fome, assim como outras formas de protesto, contra a degradação do ambiente vivido nesta prisão, que teve o seu clímax em vários espancamentos (1 e 2) de presos e na “estranha” morte de um detido no dia 16 de Janeiro.

Na noite de 18 de Janeiro, o Grupo de Intervenção dos Serviços Prisionais entrou na prisão do Linhó para atacar as greves de fome e ao trabalho apoiadas e praticadas de forma generalizada pelos reclusos, tendo usado a força de forma intimidatória e recolhido cerca de uma dezena de reclusos, todos ou quase todos negros,

para os transferir para a mal afamada cadeia de Monsanto. Pelo menos num caso, os familiares foram informados pela Direcção Geral, a que telefonaram a saber notícias, de que a transferência do recluso teria sido “por engano”.

O Estado não cumpre a sua própria lei e sempre foi mestre na violação das regras que cria. No caso das prisões, basta uma vista de olhos pelo observatório das prisões da ACED para verificarmos a violação sistemática dos direitos dos presos. Greves de fome, greves de trabalho, cartas e comunicados contestando e resistindo a esta situação fazem parte do quotidiano dos detidos. Entretanto, a contestação parece ter saltado os muros das prisões.

fonte: <http://redelibertaria.blogspot.com/>

O INDY-ZINE é uma publicação do colectivo CMI-Portugal. A reprodução total ou parcial das matérias aqui publicadas é permitida e recomendada, desde que seja mencionada a fonte!

Se quiseres contribuir divulgando algum acontecimento importante que não foi veiculado pela grande imprensa, envia-nos as tuas notícias. Torna-te meio de comunicação. Lê mais ou comenta, sobre estes ou outros assuntos, em:

<http://portugal.indymedia.org/>